

Seixal

ARQUEOLOGIA | PATRIMÓNIO | HISTÓRIA LOCAL

2.ª série #26 Nov. 2023
anual

dossiê

MUSEALIZAR E EXPOR SÍTIOS ARQUEOLÓGICOS

**A via romana de
Alqueidão da Serra: conservação,
restauro e valorização**

**O industrial João Burnay e a
colecção de azulejos da Quinta
da Trindade no Seixal**

**Ilustradores, caricaturistas
e a defesa do Património**

Preço: 10 €

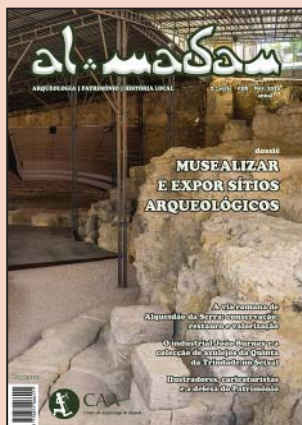


9 770871 066 171



CAA

Centro de Arqueologia de Almada

**Capa |** Jorge Raposo

Na foto, sítio arqueológico do teatro romano de Lisboa aquando da reabertura ao público, em Setembro de 2015, enquanto Museu de Lisboa - Teatro Romano.

Foto | © José Frade, EGEAC - Empresa de Gestão de Equipamentos e Animação Cultural, E.M., S.A.



2.ª Série, N.º 26, Novembro 2023

Proprietário e editor |

Centro de Arqueologia de Almada
Apartado 603 EC Pragal
2801-601 Almada Portugal

NIPC | 501 073 566

Sede do editor e da redacção |

Travessa Luís Teotónio Pereira,
Cova da Piedade, 2805-187 Almada

Telefone | 212 766 975

E-mail | c.arqueo.alm@gmail.com

Internet | www.caa.org.pt

Publicidade e Distribuição |

Centro de Arqueologia de Almada

Registo de imprensa | 108998

ISSN | 0871-066X

Depósito legal | 92457/95

Estatuto editorial |

www.almadan.publ.pt

Impressão | Jorge Fernandes Ld.ª

Rua Qt.ª do Conde de Mascarenhas, 9
2820-652 Charneca de Caparica

Tiragem | 300 exemplares

Periodicidade | Anual

Apoios | Associação dos Arqueólogos Portugueses / Câmara Municipal de Almada / Arqueohoje - Conservação e Restauro do Património Monumental, Ld.ª / Dryas - Octopétala, Ld.ª / Câmara Municipal de Oeiras / Neoépica, Ld.ª

Fiel ao modelo editorial que dedica as páginas centrais à abordagem detalhada de determinada temática, esta *Al-Madan* dá particular atenção aos pressupostos, metodologias e experiências de interpretação e musealização de sítios arqueológicos, numa colaboração com o Museu de Lisboa - Teatro Romano que surge na continuidade do ciclo de palestras aí realizado no primeiro semestre de 2023, com o título *Desafios de Expor o Passado: sobre a musealização de sítios arqueológicos*.

Um volumoso dossiê reúne quase todas as participações no programa de um ciclo muito rico e diversificado, pela natureza, tipologia e cronologia dos sítios envolvidos, às quais ainda acrescenta outros contributos de especialistas em diferentes disciplinas que não integraram o referido ciclo nem se confinam ao território nacional.

Após um balanço das sessões realizadas no Teatro Romano, várias experiências concretas sustentam uma reflexão sobre o papel do arquitecto e da sua relação com o arqueólogo, depois ampliada e complexificada à luz das intervenções de interpretação, conservação e valorização de sítios como as termas romanas de São Pedro do Sul e de Chaves, ou os banhos islâmicos e a Casa Senhorial dos Barreto, em Loulé. Num plano mais lato, discute-se o papel da valorização e fruição patrimonial em contextos como a cidade romana de *Conimbriga*, o núcleo urbano e a região envolvente de Mértola, ou o centro histórico de Cartagena (Múrcia, Espanha), nomeadamente através do Parque Arqueológico del Molinete. O processo de reconversão para uso cultural da fábrica de moagem da antiga Manutenção Militar de Lisboa não deixa esquecido o Património industrial, tal como a experiência de gestão de sítios arqueológicos nos mares dos Açores alarga ao Património náutico e subaquático a abrangência temática deste dossiê.

Mas fora dele também se encontrarão motivos de interesse.

Para além de crónicas de Paleontologia e geodiversidade, Arqueologia clássica e Arquitectura e Património, podem ser lidos artigos de opinião e textos que divulgam trabalhos arqueológicos e de conservação ou promovem estudos e acções de defesa do Património arquitectónico, a par de mais um contributo para a História da Arqueologia portuguesa. Há ainda espaço para noticiário arqueológico, novidades editoriais, comentário a encontros científicos recentes e agenda sintética dos já programados para o curto e médio prazo. Enfim, como sempre, votos de boa leitura!

Jorge Raposo, 15 de Outubro de 2023

Director | Jorge Raposo
(director.almadan@gmail.com)

Conselho científico | Amílcar Guerra,
António Nabais, Luís Raposo, Carlos
Marques da Silva e Carlos Tavares da Silva

Redacção | Centro de Arqueologia de
Almada (sede)

Resumos | Autores e Jorge Raposo
(português), Luísa Pinho (inglês) e
Maria Isabel dos Santos (francês)

**Modelo gráfico, tratamento de imagem
e paginação electrónica |** Jorge Raposo

Revisão | Autores e
Fernanda Lourenço (CAA)

Colunistas | Amílcar Guerra, Luís
Raposo, António Manuel S. P. Silva,
Carlos Marques da Silva e Victor Mestre

Colaboram neste número |

Pedro Alarcão, Rui Roberto de Almeida,
Carlos Boavida, Guilherme Cardoso,
João Luís Cardoso, Sérgio Carneiro,
Tânia Manuel Casimiro, Vítor Dias,
Ana Duarte, José d'Encarnação,
Lídia Fernandes, Deolinda Folgado,
Ramiro A. Gonçalves, Amílcar Guerra,
Virgílio Lopes, António Celso Mangucci,
João Marques, Teresa Marques,
Victor Mestre, José Luís Neto,
José Miguel Nogueira Celdrán,
N'Zinga Oliveira, Susana Pacheco,

Dália Paulo, João Miguel Perpétuo,
Marcelo Mendes Pinto, Alexandra Pires,
Lígia Rafael, Paulo Oliveira Ramos,
Jorge Raposo, Luís Raposo,
Maria Pilar Reis, Joel Santos,
Carlos Marques da Silva, Alice Semedo,
João Luís Sequeira, Ana Rosa Sousa
e Gil Vilarinho

Os conteúdos editoriais da *Al-Madan Online* não seguem o Acordo Ortográfico de 1990. No entanto, a revista respeita a vontade dos autores, incluindo nas suas páginas tanto artigos que partilham a opção do editor como aqueles que aplicam o dito Acordo.

Os diferentes olhares sobre a obra de arte

José d'Encarnação

[Catedrático de História, aposentado, da Faculdade de Letras da Universidade de Coimbra]

Por opção do autor, o texto não segue as regras do Acordo Ortográfico de 1990.

Nunca é tarde para se reflectir acerca do significado da obra de arte, qualquer que seja o domínio em que se enquadre. Nasce, não há dúvida, do génio do seu criador, mas vive não apenas das suas pulsões, do seu modo de encarar a existência, mas também do ambiente sociopolítico e económico envolvente.

Diante da tela nua, o pintor, ao arriscar um traço – aquela cor, naquela direcção, isolado ou integrante dum emaranhado confuso... – carrega no olhar e na mente o instante, todos os instantes: os passados, os presentes e, inclusive, os que se lhe antojam no futuro.

E da realidade selecciona o que mais lhe convém para expressar o que lhe vai no âmago. Uma expressão que é, por vezes, tão sua que só uma explicação permitirá aceder-lhe.

Tenho, por exemplo, o quadro a óleo em que a pintora retrata um jovem sobre a prancha de *surf* a ser levado pela onda. Creio que apenas a seduziu o inesperado do movimento, por ser algo de novo na ondulação longamente apreciada sem pranchas nos verões de toda uma vida. Mas porquê captar o momento em que a prancha se solta? Não sei que título deu ao seu óleo. Se calhar, também isso lhe não interessava.

Tenho um outro, esse, abstracto, em que vejo a pulsar o coração da pintora e ela deu-lhe o título “Anjo” e confesso não ver ali anjo nenhum nem corte celestial de jeito!...

Justifica-se, por isso, que Umberto Maria Milizia – que faz, há anos, crítica de Arte em Roma, actividade que alterna com a de historiador de Arte e a de pintor – nos tenha querido obsequiar com uma panorâmica do que tem sido, ao longo dos tempos, a “leitura” da obra de arte, mormente nesta época em que se bombardeiam, sem comi-seração, edifícios classificados. Trata-se do livro de 160 páginas, *Breve Storia della Lettura dell’Opera d’Arte*, publicado em Roma (2021), pelas Edizioni ARTECOM-onlus.

Interessante, desde logo, a sua introdução teórica sobre “A Arte e as suas categorias”. Para Umberto Milizia, perante uma obra de arte, quem dela

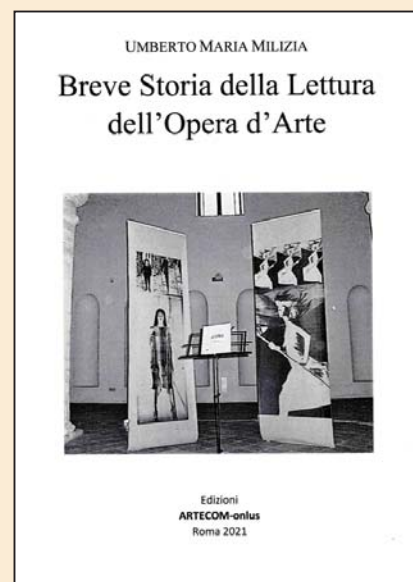
usufrui é quem a acolhe, a sente e sobre ela pensa; o autor da obra (e, porventura, quem a encomendou) concebe-a, projecta-a e executa-a precisamente para que cada um a receba, a sinta e sobre ela reflecta, inclusive eles próprios. Por isso, a comunicabilidade deve ser a primeira característica da obra de arte, que será tanto mais eficaz quanto mais rápida e fácil for a sua percepção. Uma percepção que não é apenas intuição espontânea, porque solidária com tudo o que o íntimo do espectador (chamemos-lhe assim) já detém.

Justifica-se, por isso, que se fale de “categorias de leitura da obra de arte”.

Considerando, pois, a obra de arte “como meio de comunicação, para além de ser pura expressão estética”, Umberto Milizia mostra que, até ao século XIV, se deu maior atenção aos conteúdos, nem sequer havendo necessidade de ter, para se compreender o significado da obra, uma educação específica ou um certo grau de cultura.

Num segundo período, em que os artistas trabalhavam, amiúde, por encomenda e se começou a utilizar a perspectiva, “a principal característica da obra de arte é a de representar, a fim de responder a determinada função social, qualquer que ela seja”. Num terceiro período, a partir de meados do século XIX, embora continue a ser representação, a obra de arte assume-se mais como expressão de algo inerente ao próprio artista ou dependente da sua personalidade.

Foi dentro dessa perspectiva teórica que Umberto Milizia se propôs organizar o seu ensaio, entendendo sempre, no entanto, que as manifestações artísticas não sofreram fracturas ao longo dos tempos e se apresentam, de facto, como um *continuum*. Assim, na 1.ª parte, “Desde a Antiguidade até ao Duecento”, trata da arte grega, da romana, da cristã e, nessa junção entre tempos e modos, aborda o Baixo Império, a arte medieval, o feudalismo, o românico. Na 2.ª, os subtítulos são: o Gótico, as Senhorias, o Renascimento, o Maneirismo, o Barroco, o Rococó. Na 3.ª, “Desde o Neoclassicismo



MILIZIA, Umberto Maria (2021) – *Breve Storia della Lettura dell’Opera d’Arte*. Roma: Edizioni ARTECOM-onlus.

ao final do século XX”: o Neoclassicismo, o Romantismo, Realismo e Impressionismo, o Pós-Impressionismo, as Vanguardas Históricas e o Pós-Guerra.

Tudo ilustrado com os exemplos que melhor conhece, os italianos, sugerindo, contudo, ao leitor que, à medida que vai lendo, os substitua por exemplos do seu próprio país.

E o que é torna “Arte” a obra de arte?

Umberto Milizia responde assim, no termo da primeira caminhada: “O homem grego identifica-se com as obras de arte não apenas como ideal, mas também como possibilidade concreta e vivenciável, identificação que já o mito lhe proporcionara e que, por isso mesmo, era história, raiz autêntica da realidade que vivia. Os Romanos, por seu turno, identificavam-se com a família e estabeleciam uma relação com a res publica, relação que, de geração em geração, tornava eternos valores e ideais, de que, de vez em quando, os vivos se sentiam guardiões. Mais tarde, o Cristianismo veio explicitar tudo isso, dando-lhe uma forma concreta e remetendo tudo para uma esfera superior, de grande alcance moral, em que a ordem e a justiça se restabeleciam e, desta sorte, o indivíduo tinha a possibilidade de se projectar directamente, quase ignorando a relação com a realidade” (p. 46).

Com a 2.ª parte se inicia a História da Arte propriamente dita, sem recurso, por exemplo, aos dados fornecidos pela Arqueologia; a Arte assume-se como trampolim da realidade da vida para a realidade do espírito. O artista plasma, então, a seu

bel-prazer, a imaginação alheia. Os dramaturgos dessa altura procuram a dimensão do sonho, a cenografia projecta-se para realidades virtuais. É a época dos arquitectos que trabalham no círculo cultural da Roma católica. A Arte torna-se o terreno em que o pensamento pode manifestar-se em liberdade, uma liberdade que será, afinal, o maior problema do Neoclassicismo.

É justamente a falar de Neoclassicismo que se inicia a 3.ª parte do livro. Um Neoclassicismo cujo nascimento se prende com as descobertas arqueológicas de *Herculanum* e *Pompei*, mas que, na verdade, se insere naturalmente “na busca de uma nova pureza expressiva, longe de certos excessos bru-

tais do Barroco italiano”. Surge “um novo campo de pesquisa filosófica, a Estética, e a nova arte à la grecque’ depressa procura definir os critérios na base dos quais se deveriam passar a ler as obras de arte” (p. 101).

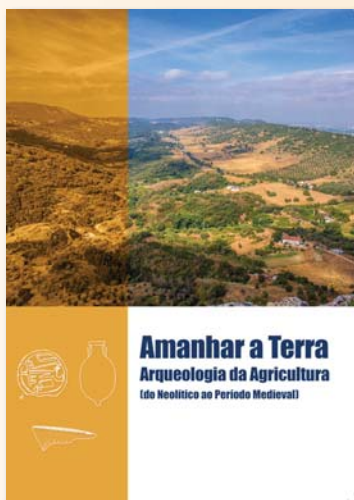
Será, sem dúvida, este um dos capítulos mais sugestivos, porque o autor reflecte sobre os movimentos artísticos mais perto de nós. Assim, a título de exemplo, como subtítulo ao subcapítulo do pós-impressionismo, pergunta: “O que é que impressiona quem? Quem exprime o quê?”

Todo um discurso de índole artístico-filosófica, cuja novidade consiste em propor, no caso da observação duma obra de arte, “que o objecto do conhe-

cimento transmite e traz consigo, nesse acto de transmissão, as próprias categorias que o dão a conhecer. Ou seja, por outras palavras, a gestão das categorias do conhecimento (sempre elas!) torna-se dinâmica, gerida quer por quem transmite quer por quem recebe o conhecimento do objecto a conhecer, perdendo todo e qualquer apriorismo cognitivo” (p. 144).

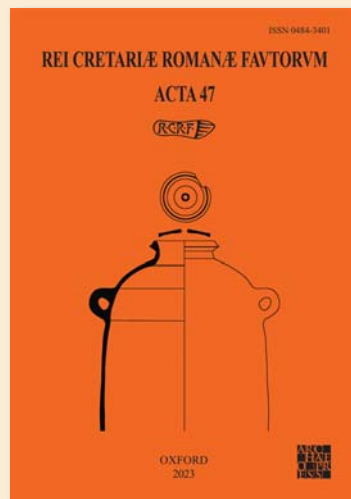
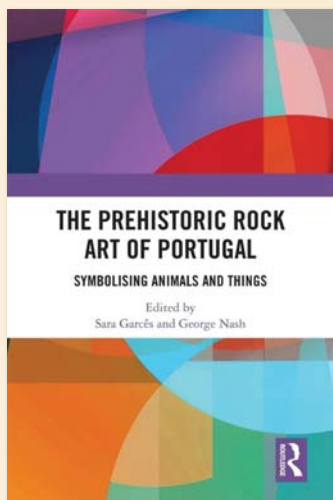
Um mundo de percepções, portanto, que se mesclam, se entrelaçam e entre si se influenciam, de modo que, no fundo, o acto de serenamente ‘comungar’ com uma obra de arte nunca é, na verdade, um acto singelo. **A**

novidades



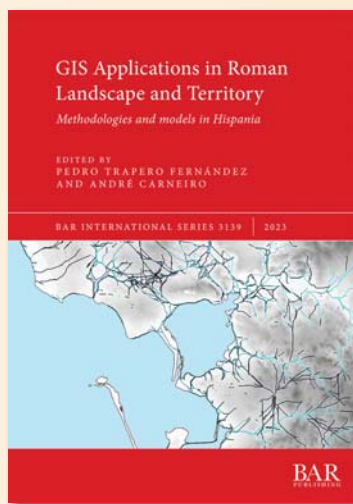
FERNANDES, Isabel Cristina; SANTOS, Michelle Teixeira e CORREIA, Miguel Filipe (coord.) (2023) – *Amanhar a Terra. Arqueologia da Agricultura (do Neolítico ao Período Medieval)*. Palmela: Município de Palmela.

TRAPERO FERNÁNDEZ, Pedro e CARNEIRO, André (eds.) (2023) – *GIS Applications in Roman Landscape and Territory. Methodologies and models in Hispania*. Oxford: BAR Publishing (BAR International Series, 3139).



VIEGAS, Catarina (ed.) (2023) – *Rei Cretariae Romanae Favorvm. Acta 47*. Oxford: Rei Cretariae Romanae Favtores / Archaeopress Publishing Ltd.

GARCÉS, Sara e NASH, George (eds.) (2023) – *The Prehistoric Rock Art of Portugal: Symbolising animals and things*. London: Routledge.



GONZÁLEZ CESTEROS, Horacio e LEIDWANGER, Justin (eds.) (2023) – *Regional Economies in Action. Standardization of transport amphorae in the Roman and Byzantine Mediterranean*. Viena: Austrian Archaeological Institute.

